

Literatura de Língua de Sinais, Educação Surda e suas interfaces com as políticas linguísticas

Sign language literature, Deaf education and their interface with language policies

Rachel Sutton-Spence¹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
suttonspence@gmail.com

Resumo: Este artigo descreve os fatores que influenciam o desenvolvimento criativo de artistas surdos de línguas de sinais, especialmente as políticas linguísticas e educacionais nos países em que estes artistas vivem (baseado em Quadros 2018, Sutton-Spence et al. 2017, Bahan 2006). A pesquisa tem base nas entrevistas de pessoas surdas reconhecidas como artistas da língua em suas comunidades em três países: os Estados Unidos, o Reino Unido e o Brasil. A análise dos depoimentos dos artistas de línguas de sinais nestes três países revela fatores cruciais para o desenvolvimento de suas habilidades, especialmente em relação ao papel das escolas e universidades, ao teatro surdo, às associações de surdos e à existência de outros artistas surdos. As políticas linguísticas, especialmente as políticas linguísticas educacionais que apoiam ou ameaçam o desenvolvimento da literatura de línguas de sinais em todas essas áreas, irão impactar em seu desenvolvimento, sua pesquisa, ensino e propagação.

Palavras chaves: literatura surda; artistas surdos; educação surda

Abstract: This article describes the factors that influence the creative development of deaf sign language artists, especially the language and educational policies in the countries where these artists live (based on Quadros 2018, Sutton-Spence et al 2017, Bahan 2006). The research here is based on interviews from deaf people recognized

¹ Professora no departamento de Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Tradução e Estudos Literários, atuando principalmente nas áreas de literatura surda e literatura em Libras.

as language artists in their communities in three countries: United States, United Kingdom, and Brazil. Examining the testimonies of sign language artists in these three countries reveals a range of factors crucial to the development of their skills, especially in relation to the role of schools and universities, deaf theater, deaf associations and the existence of other artists. deaf Language policies, especially educational language policies that support or threaten the development of sign language literature in all these areas, will impact its development, research, teaching and propagation.

Keywords: Deaf literature; deaf artists; deaf education

Introdução

Sabe-se que algumas pessoas surdas (conhecidas como “sinalizantes suaves”, conforme Bahan, 2006, ou “mestres dos sinais” conforme Reilly e Reilly, 2005), têm um jeito natural (RUTHERFORD, 1993) para criar uma sinalização particularmente estética. Estas pessoas são artistas da língua de sinais - poetas, contadores de histórias e atores - em suas comunidades surdas. No entanto, a aptidão natural não é suficiente para criar uma língua de sinais literária e, neste sentido, este artigo indica o que mais é necessário para artistas desenvolverem e melhorarem o seu trabalho criativo e como as políticas linguísticas e educacionais podem melhorar ou dificultar na promoção e desenvolvimento da literatura de língua de sinais. Ao comparar os depoimentos de artistas surdos de línguas de sinais em três países (Brasil, Reino Unido e Estados Unidos), podemos observar que suas experiências e suas necessidades são essencialmente similares, mas há diferenças onde as políticas linguísticas e educacionais diferem, o que gera fortes razões para que qualquer elaborador de políticas possibilite o desenvolvimento dessa forma artística que é social e culturalmente fundamental.

Ben Bahan (2006b) traça uma cuidadosa distinção entre a Experiência do Mundo Surdo e o Conhecimento do Mundo Surdo que cria a cultura surda. Todas as pessoas surdas têm a experiência do mundo surdo que obtiveram ao longo da vida como pessoas surdas em uma sociedade predominantemente ouvinte, independentemente do seu contato com outros membros da comunidade surda. No entanto, o conhecimento do mundo surdo só se dá através do acesso ao conhecimento compartilhado da literatura, da cultura e da história das comunidades surdas, que é passado de uma geração à outra. O trabalho de artistas de línguas de sinais é resultado da sua Experiência do Mundo Surdo e de seu Conhecimento do Mundo Surdo. As políticas linguísticas e educacionais têm impacto direto nestes dois elementos culturais, criando os artistas e as formas de arte em língua de sinais que conhecemos ao longo da história e que vemos hoje.

Como um exemplo de política linguística formal, podemos observar o impacto do apoio do governo às línguas minoritárias. Crucialmente, para a Libras, a Lei 10436/02 de 2002 e a aprovação do Decreto 5.626 de 2005 promoveram o financiamento e o apoio institucional que tem impactado a

literatura de Libras fortemente, de modo extremamente positivo, como ficará claro ao longo deste artigo. Além disso, embora a constituição brasileira reconheça apenas o português como língua oficial, o Decreto 7.387/2010 reconhece todas as línguas, faladas e sinalizadas, como parte da herança e da cultura brasileira. Este decreto pode ser usado como fundamento para políticas que promovem e empoderam outras línguas, incluindo a Libras (QUADROS e STUMPF, no prelo).

No atual momento, entretanto, a maior parte das políticas linguísticas e educacionais não apoiam a literatura de língua de sinais.

As políticas educacionais e as políticas linguísticas para pessoas surdas são vistas com mais clareza na escola. As escolas são os locais onde qualquer jovem artista da língua deveria ser exposto à literatura e encorajado a aprender sobre ela, bem como tentar criá-la em um ambiente de apoio e desafio. No entanto, para a maior parte das crianças nos países aqui mencionados (e em quaisquer outros), isso não ocorre em relação à língua de sinais porque as políticas educacionais são baseadas na ideia de inclusão, levando em conta a visão de que a deficiência de crianças surdas, decorrente de sua perda auditiva, deve ser remediada ao se promover acesso à educação convencional através de mecanismos de assistência ou através de intérpretes de língua de sinais (QUADROS, 2018). Muitos membros da comunidade surda reivindicam políticas educacionais que reconheçam os alunos surdos como usuários de uma língua minoritária ao invés de pessoas com necessidades especiais. Enquanto há a aceitação em alguns setores nos três países discutidos aqui (e também em outros países) de que a educação bilíngue é importante para crianças surdas, raramente fica claro o que de fato tal educação bilíngue significa. Se significa aprender o mesmo currículo da sociedade tradicional através de um intérprete que age como um condutor da língua falada de um professor ouvinte, isso não é educação bilíngue. Uma educação bilíngue de verdade deverá incluir o ensino da literatura de ambas as línguas, e isso significa que as crianças surdas devem ter o direito de ver, aprender e criar literatura de língua de sinais.

Políticas de inclusão linguística podem proteger os direitos da criança de usar a língua de sinais para acessar o conteúdo curricular na escola, mas apenas como uma ferramenta de comunicação ou modo de acessar a língua escrita. No entanto, políticas linguísticas podem promover a língua de sinais como a principal língua cultural da comunidade surda através da qual as pessoas surdas conseguem expressar suas identidades pessoais, sociais e linguísticas, bem como compartilhar os conhecimentos e a experiência daquela comunidade (QUADROS, 2018).

Há uma clara tradição de gerações de artistas que influenciam as novas gerações. Enquanto esta afirmação parece não criar exceções entre pessoas que não têm familiaridade com a história e a cultura surda, é importante afirmar que a passagem da cultura surda dessa maneira não é garantida e a mesma pode ser ameaçada ou, ao contrário, apoiada por políticas educacionais e linguísticas que impeçam artistas surdos de passar adiante sua forma de Conhecimento do Mundo Surdo.

A mensagem principal do documentário *The Heart of the Hydrogen Jukebox* (NATHAN LERNER e FEIGEL, 2009) é a de que para que a literatura de língua de sinais prospere é preciso que pessoas certas se encontrem no lugar e no tempo certo com conhecimento e experiências prévias. As políticas linguísticas e educacionais podem ajudar a fornecer estas condições.

Método e Materiais

As ideias aqui propostas para o desenvolvimento da literatura de língua de sinais e seus artistas são ilustradas por testemunhos provenientes de diferentes fontes. Todos os artistas são amplamente reconhecidos em suas comunidades surdas e são também educadores, poetas, atores e contadores de histórias.

Os testemunhos dos artistas brasileiros de Libras provêm de entrevistas feitas em 2016 como parte de um projeto desenvolvido por pesquisadores surdos que investiga a história e o desenvolvimento artístico da Libras em relação à sua importância literária e social. Os artistas foram selecionados com base no conhecimento pessoal, histórico e cultural do pesquisador acerca do desenvolvimento da literatura de Libras. Até certo ponto, isso pode ser considerado “uma amostragem de conveniência”, já que as amostras partiram de um grupo de pessoas de fácil acesso ou contato (BURGESS, 1984; HALE e NAPIER, 2013). No entanto, a própria natureza dos pesquisadores fez com que essas figuras conhecidas e respeitadas fossem fáceis de contatar. A maior parte dos pesquisadores que os entrevistaram eram membros surdos da comunidade² que tinham contatos pessoais com os artistas, e alguns eram, eles mesmos, artistas de sinais, que portanto não necessitaram de intermediários para negociar os contatos. Temple e Young (2004) observaram a importância das pessoas surdas “entrevistarem com” e não de “entrevistarem os” membros de suas comunidades e assim os pesquisadores entrevistaram os artistas como amigos, em um ambiente informal e relaxado. Dessa forma, as “entrevistas” poderiam ser entendidas mais como “conversas com um propósito”, como descrito por Burgess (1984, p. 102) e geraram ricas informações pessoais e históricas sobre o desenvolvimento da Libras artística e literária. As evidências apresentadas provêm de entrevistas com Bruno Ramos, Carlos Goés, Fernanda Machado, Nelson Pimenta, Sandro Pereira e Silas Queiroz.

O material sobre a experiência de artistas surdos nos Estados Unidos provêm do extenso documentário *The Heart of the Hydrogen Jukebox* (2009), editado por Miriam Nathan Lerner e Don Feigel. Este documentário usa gravações do Instituto Técnico Nacional dos Surdos em Rochester, Nova York, feitas nos anos 80 e 90, bem como entrevistas especialmente conduzidas para o documentário nos anos 2000. As gravações incluem palestras, performances e entrevistas com importantes artistas da Língua de Sinais Americana (ASL). O documentário é apresentado como uma série de capítulos focados em artistas individuais que contam a história do seu papel no contexto da poesia americana de língua de sinais. Os artistas que têm o seu testemunho documentado são Bernard Bragg, Clayton Valli, Dorothy Miles, Ella Mae Lentz, Karen Christie, Patrick Graybill, Peter Cook e Robert Panara.

As informações sobre os artistas britânicos de língua de sinais provêm de seminários sobre o folclore da Língua de Sinais Britânica (BSL) gravados na Universidade de Bristol em 2005 e 2006, bem como de entrevistas conduzidas com os mesmos em 2008 como parte da pesquisa sobre o papel da literatura de língua de sinais na sala de aula. Embora as entrevistas não foquem especificamente nas influências das políticas educacionais para o desenvolvimento da literatura britânica sinalizada, este assunto permeia os testemunhos. Os três poetas-professores que forneceram as informações usadas aqui são John Wilson, Paul Scott e Richard Carter.

² Dois outros eram intérpretes ouvintes engajados na pesquisa sobre literatura em Libras.

O papel das escolas

Enquanto as políticas integracionistas veem a língua de sinais como uma ferramenta de acesso ao currículo-padrão, as políticas bilíngues a veem como parte da cultura surda. Parte desta perspectiva percebe a língua de sinais como algo criativo e prazeroso. Em *Hydrogen Jukebox*, Karen Christie observou que, com a poesia em língua de sinais, “Eu posso brincar com a língua. Eu posso ser criativa com ela. Eu não tenho que apenas comunicar, você sabe, me limitar à comunicação básica. Eu posso me expressar e posso perceber o que os outros expressam.”

As crianças surdas educadas em aulas que têm apenas ouvintes não têm a chance de compartilhar e desenvolver sua língua de sinais criativa. Crianças surdas que frequentam escolas com outras crianças surdas aprendem a língua de sinais e a sinalização criativa uns com os outros (LADD, 2003; REILLY e NIPAPON REILLY, 2005, CARTER et al, 2013). Em nossas entrevistas com poetas e contadores de histórias em Libras, os ex-alunos do INES, o Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro, repetidamente referem-se ao seu papel crucial. Bruno explicou que a interação com outras crianças surdas fora da sala de aula no INES o ensinou sobre a importância das expressões faciais, da incorporação e dos classificadores no engajamento da contação de história. Nelson também se referiu à grande importância do INES, onde aprendeu jogos de língua e trocou piadas com outros alunos, mas não tinha ideia que isso era considerado uma forma de literatura. Ele não sentia afinidade com a literatura ensinada formalmente na escola.

A afirmação a seguir do poeta britânico John Wilson resume as experiências de muitas pessoas surdas quando se deparam com poesia nas línguas escrita e falada:

Minha escola me ensinou poesia – tudo sobre rima, denotação, conotação, verso – e eu não tinha ideia do que se tratava. Naquele tempo, meu inglês era muito limitado. Tínhamos que escrever os nossos próprios poemas. Que esforço! Eu odiava aquilo. Eu fugia.

Os mesmos sentimentos foram expressos pelo poeta surdo americano Clayton Valli, que contou sobre suas experiências com a poesia escrita aos 12 anos de idade:

“Todas as minhas experiências prévias com a escrita e a leitura em inglês haviam sido um tremendo esforço e, sinceramente eu não compreendia. [...] Eu perdi completamente o entusiasmo.”

Entre todos os artistas de língua de sinais brasileiros que foram entrevistados, nenhum se referiu a alguma experiência positiva com o aprendizado de literatura. Nelson diz ter odiado “ouvir” sobre literatura e não ter se identificado com ela.

No entanto, quando as crianças são apresentadas à poesia em língua de sinais, os efeitos são intensos (ARENSON e KRETSCHMER, 2010). John Wilson lembra de ter visto seu primeiro poema em BSL aos 12 anos de idade, sinalizado por uma colega que vinha de uma família surda:

Ela sinalizou um poema simples sobre uma árvore ao lado de um rio soprando ao vento. Ver este poema me causou um grande impacto. Eu ri muito durante muito tempo depois. Eu não ria dela, mas da alegria de ver o seu poema. Foi como um tapa na cara – a primeira vez que eu vi algo tão claro...Foi fantástico.

Quando as crianças surdas sinalizaram este poema a John, ele percebeu duas coisas que seus professores ouvintes e seus educadores orais não haviam ensinado: que as pessoas surdas podem acessar a poesia através dos sinais, e que isso pode expressar ideias poderosas. Ele entendeu que “isso pode inspirar emoções muito poderosas – felicidade, tristeza, raiva. A poesia escrita nunca significou isso para mim. A poesia sinalizada bateu fundo”.

A experiência que John teve na escola com a poesia de língua de sinais veio de uma colega surda. Pessoas surdas de famílias surdas são cruciais para passarem adiante a cultura surda (RUTHERFORD, 1993; LADD, 2003; QUADROS, 2018), mas esse também é um dever dos professores, especialmente dos professores surdos (SUTTON-SPENCE e RAMSEY, 2010; LADD e GONÇALVES, 2011; SUTTON-SPENCE, 2014; GONZÁLEZ, 2017). Para as escolas fornecerem esse input necessário, precisamos de políticas que protejam e apoiem os professores surdos na escola. No Brasil, esta política tem sido claramente enunciada no Plano Nacional de Educação (PNE), na Lei Federal 13005/2014 para professores surdos de Libras, mas a realidade da sua aplicação é questionável (QUADROS, 2018). No Reino Unido e nos Estados Unidos também há um grande esforço por parte dos professores surdos em obter a qualificação necessária (SUTTON-SPENCE e RAMSEY, 2010) e encontrarem o espaço certo nas escolas. Professores surdos que saibam ensinar literatura são ainda mais raros, e ainda assim, sua influência é crucial para o desenvolvimento de artistas de sinais jovens. Bernard Bragg, ator e poeta de língua de sinais, fala de seu professor surdo, o poeta Robert Panara:

...os sinais dele eram um milagre de vivacidade e eloquência [...] nós nunca nos demos conta de que a nossa língua nativa poderia ser um veículo tão poderoso para expressar a riqueza e os sentimentos mais sutis, e traduzir nuances de significado tão sofisticados quanto àqueles dos mais articulados falantes e escritores do inglês. (apud LANG, 2007, p. 61-62).

Embora muitos poetas e artistas de língua de sinais não tenham essa experiência na escola, hoje eles compreendem a importância de mostrar a literatura de língua de sinais para as próximas gerações. Sandro Pereira, por exemplo, explicou que queria ensinar crianças surdas e que, como professor, ele pode agora contar histórias que os fascina e atraem. Bruno Ramos explicou que dá workshops para pessoas surdas, ensinando-as sobre suas técnicas e ajudando-as a refinar as suas próprias.

O professor britânico surdo, poeta e contador de histórias Richard Carter disse:

Eu aprecio principalmente a poesia feita para as crianças. É bom para elas porque isso significa que no futuro elas podem produzir a sua própria poesia e se tornarem poetas, pois eu gradualmente as influenciei, porque ninguém me influenciou antes. Eu estava sozinho e não sabia das coisas. Eu posso contar histórias para as crianças.

Paul Scott, quando foi professor assistente em uma escola, trouxe o aspecto lúdico da língua que faltava no currículo às crianças, enfatizando a língua de sinais como ferramenta de comunicação. Ele disse “nós brincávamos com as palavras, mas o professor nunca os encorajava a brincar com a linguagem. Não havia brincadeira com as palavras”. Quando ele se tornou professor, viu os efeitos de sua narração de histórias nos alunos em sala de aula:

Quando eles estavam brincando na rua, eu os vi sinalizar coisas que nunca ensinei. Eles estavam sinalizando e me dei conta de que isso tinha surgido durante a contação de histórias e que as crianças tinham aprendido os sinais, mas eu não tinha ensinado ainda. Uau. Elas tinham aprendido ao observar as histórias com atenção. Elas tiveram novos insights. Elas de repente se deram conta, “Puxa, eu posso fazer isso e mais isso...”

Em suma, para a literatura de língua de sinais criar raízes nas novas gerações, as políticas devem reconhecer a importância do acesso de crianças surdas a outras crianças surdas na escola, bem como a professores surdos que possam ensinar sobre literatura de língua de sinais. Políticas bilíngues poderiam permitir isso; políticas integrativas provavelmente não o permitiriam.

Influências de autores ouvintes de literatura escrita ou outra língua criativa e arte visual

Pode-se esperar que poetas surdos aprendam e se inspirem em poetas que trabalharam com a língua escrita nas comunidades que os cercam. Até certo ponto, essa é uma afirmação correta e as políticas que encorajam surdos (e também ouvintes) a estudar a linguagem escrita de um país podem inspirar o seu trabalho. No Reino Unido, Dorothy Miles foi influenciada Dylan Thomas, cuja poesia a levou a brincar com sinais, como ele fazia com as palavras em inglês. Paul Scott, cuja poesia em BSL é fortemente metafórica, foi influenciado pelos seus estudos sobre Shakespeare e Seamus Heaney, um poeta conhecido pelo poder de suas metáforas visuais mesmo por meio do inglês escrito. Nos Estados Unidos, Clayton Valli foi influenciado por Robert Frost, e seu trabalho sinalizado foi caracterizado por rimas semelhantes encontradas nos poemas de Frost (BAUMAN, 2006), enquanto Peter Cook foi influenciado por Allen Ginsberg e seu trabalho. Assim, como Ginsberg, Cook foca em criar imagens visuais fortes. Todos esses poetas surdos estudaram o trabalho de poetas de língua inglesa depois de deixarem da escola. Em todas as nossas entrevistas com artistas brasileiros de Libras, entretanto, nenhum mencionou ter sido influenciado por escritores de língua portuguesa. Nelson explicou que ele sentia pouca conexão entre os mundos da literatura escrita e da literatura de Libras. Embora outros artistas de Libras possam ter se beneficiado da literatura de língua portuguesa, isso sugere que professores que queiram apresentar aos seus alunos a literatura escrita como parte de um programa de ensino bilíngue devem assegurar que seus alunos entendam claramente a relação entre a literatura escrita e a literatura sinalizada. Fernanda comentou que se interessava por histórias clássicas e fábulas quando era criança, mas seu interesse era mais voltado às figuras do que às palavras. Ela entendeu essas histórias apenas quando já era adulta, quando as viu traduzidas em Libras e explicadas na língua

de sinais. Em sua entrevista, ela expressou o desejo de que a literatura brasileira seja ensinada em Libras.

No entanto, os artistas de Libras com os quais falamos foram influenciados por outras formas de criatividade visual originalmente produzida por e para pessoas ouvintes, em especial aquelas que têm humor. Filmes e desenhos animados como as comédias visuais de Charlie Chaplin e *Tom e Jerry* foram citados por Sandro e Bruno. Sandro falou que estes poderiam servir de inspiração para uma contação de histórias em Libras mais anárquica, assim como *Os três porquinhos e o lobo mau*, que em Libras se tornou *Os três lobinhos e o porco mau*. Bruno desenvolveu suas técnicas copiando as expressões faciais de personagens de desenhos animados e a ação dos filmes *X-Men* na escola, recontando-as em Libras.

As imagens das histórias em quadrinhos são fonte de criatividade para a língua de sinais. Silas se referiu à inspiração visual que surgiu dos quadrinhos e da revista *Mad*. Peter Cook também disse ter sido inspirado pelos quadrinhos: “Há essas histórias maravilhosas e essas imagens selvagens nessas revistas em quadrinhos, como pessoas montando em pássaros pré-históricos.”

Os professores que buscam inspirar os alunos a explorar, entender e criar literatura de língua de sinais podem olhar, além da literatura escrita, para filmes, *graphic novels*, revistas em quadrinhos, ou mesmo vídeo games com vistas a entender as inspirações visuais e os desafios que a subjazem. Para que isso aconteça, as políticas educacionais também precisam apontar o que se entende por literatura e por poesia.

A importância dos livros ilustrados para crianças e jovens é sabida (MEC, PNBE, 2014) e o seu uso na educação de adolescentes e adultos também foi observado, por exemplo, por Kirchof, Bonin e Hessel Silveira (2014), que nos lembram que “o livro ilustrado é um objeto artístico-literário que mistura elementos da arte visual e da literatura para construir narrativas”³ (p. 54). No entanto, Kirchof et al. (2014) observam que professores se sentem desconfortáveis ao usar livros ilustrados com adolescentes e adultos porque a experiência mais comum nas escolas é passar do letramento com imagens para o letramento com a escrita, como se os livros ilustrados fossem uma ponte para algo melhor. Se os professores conseguem superar seu desconforto com as formas visuais de literatura e entender que “literatura” não significa apenas a literatura escrita, como é normalmente admitido na maior parte dos contextos educacionais, seu papel no ensino da literatura de língua de sinais pode ser valioso.

A influência das Instituições de Ensino Superior

As políticas linguísticas e educacionais se estendem às universidades e algumas delas têm exercido uma poderosa influência na poesia de língua de sinais através da pesquisa, do ensino e de projetos de extensão comunitária. Pessoas surdas que tiveram a sorte de ter sido expostas à literatura de língua de sinais na escola podem aprimorar e desenvolver suas habilidades na universidade, mas outras acessam a literatura de língua de sinais pela primeira vez apenas no ensino superior. As instituições de ensino superior que impactaram a língua de sinais nos três países

³ “Um livro de imagem é um objeto artístico-literário que mescla recursos de arte visual e de literatura na construção de narrativas.”

estudados aqui incluem a Gallaudet University em Washington DC e o National Technical Institute for the Deaf (NTID) em Rochester, Nova York, nos EUA, a Bristol University no Reino Unido e as Universidades Federais de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (UFSC e UFRGS) no Brasil. Para que as instituições de educação superior promovam a literatura de língua de sinais é preciso uma combinação de políticas proativas dedicada aos indivíduos que têm a iniciativa e o interesse entre os estudantes e o público surdo. Peter Cook contou o que aconteceu quando ele deixou a efervescente cena da poesia em língua de sinais do NTID em 1990 e foi para Chicago, onde esses elementos ainda não existiam. Ele então criou um evento de poesia lá:

... Um bar concordou em nos emprestar o seu palco. Então, fiz a propaganda do evento por lá e... ninguém apareceu! Foi aí que me dei conta. Uau! [...] não havia isso em nenhum lugar dos Estados Unidos além de Rochester. Era isso que estava acontecendo. Era só lá e eu não sabia.

O simples fato de haver políticas que oportunizam o acesso de pessoas surdas à universidade em números significantes pode estimular as atividades literárias (e sem políticas claras, isso não acontece). As políticas que, por exemplo estimulam a interpretação de alta qualidade nas universidades, os procedimentos que permitem os alunos surdos a fazer testes em língua de sinais (QUADROS e STUMPF, no prelo), e mesmo as políticas que permitem aos alunos submeterem suas dissertações e teses na língua de sinais (como é permitido na UFSC), tudo isso contribui para um ambiente em que acadêmicos surdos, treinados e qualificados na literatura de língua de sinais possam apoiar o desenvolvimento de futuros artistas de língua de sinais.

A Gallaudet University e o NTID foram ambos fundamentais para o desenvolvimento da Língua de Sinais Americana, pois ofereceram o ambiente físico e intelectual para o compartilhamento e desenvolvimento de ideias. As Universidades devem estar presentes quando poetas surdos se juntam para ensinar, aprender ou pesquisar.

O ensino de literatura de língua de sinais acontece em nível de graduação e de pós-graduação, e também em pesquisas de extensão com a comunidade através de cursos e eventos organizados sobre poesia. Tudo isso influencia os futuros poetas e contadores de língua de sinais.

Em nível de graduação, a literatura de língua de sinais é ensinada de algum modo na maior parte dos cursos de estudos surdos nos Estados Unidos (ASHTON et al 2012) e no Brasil (ROSA, 2017). O curso de graduação em Letras-Libras na UFSC, que começou em 2006, incluiu a primeira unidade de literatura surda ensinada em nível universitário no Brasil (KARNOPP, 2008). A literatura surda também é ensinada no Reino Unido em níveis diferentes, embora lá não haja padrões recomendados ou aceitos como os desenvolvidos nos Estados Unidos e no Brasil. O ensino de literatura em nível de graduação é especialmente importante para estudantes que querem se tornar professores, assim eles têm acesso ao conhecimento explícito da estrutura e da função da literatura de língua de sinais, bem como o conhecimento do cânone existente em sua língua para passá-lo às próximas gerações.

O ensino de literatura de língua de sinais como parte das atividades de extensão universitária oportuniza o seu acesso por pessoas que não têm o desejo, o tempo, as qualificações ou os recursos para estudar em uma universidade, mas que, no entanto estão interessadas em aprender sobre como criar e fazer literatura em língua de sinais. Em *Hydrogen Jukebox*, Peter Cook fala das famosas

“Rookie Nights” no NTID, onde qualquer pessoa podia apresentar o seu trabalho e receber os comentários de poetas experientes de línguas de sinais. De maneira mais formal, através do fundo do Conselho de Pesquisa em Artes e Humanidades, entre 2008 e 2011, a Universidade de Bristol ofereceu workshops de poesia para membros da comunidade surda. Na UFSC, no Brasil, cursos para a comunidade sobre a criação e a performance de poesia de Libras têm sido oferecido por Fernanda Machado (professora Dra. em Libras e poeta reconhecida). Alunos de todo o país participam destes cursos exclusivamente pelo Facebook (SUTTON-SPENCE e MACHADO, no prelo). Os festivais de literatura (ou folclore) de língua de sinais também são importantes ocasiões onde os participantes não apenas assistem às performances por entretenimento, mas também aprendem a criar seu próprio trabalho.

Kenny Lerner descreveu a conferência de literatura de língua de sinais no NTID em 1988. Lá foi decidido que:

Deve haver performance mas também discussões, painéis e palestras. A ideia era que, quando as pessoas fossem embora, elas voltassem às suas escolas de ensino médio e faculdades pelo país e criassem programas de literatura de Língua de Sinais Americana. Era um grande encontro [...] e as pessoas realmente saíam falando sobre a literatura de língua de sinais americana.

Os Workshops de Folclore e Literatura Surda realizados na Universidade de Bristol e os Festivais na UFSC têm intenções semelhantes, encorajam as pessoas surdas a tomar parte na literatura e no folclore surdo e a falar a respeito disso, ao invés de serem meros espectadores (SUTTON-SPENCE et al., 2016).

Todas essas formas de repassar novas ideias e habilidades criarão novas oportunidades para a promoção e o desenvolvimento de literatura de língua de sinais. No entanto, isso apenas é possível quando as políticas linguísticas apoiam os organizadores ativamente e entendem o significado da língua de sinais como um artefato cultural ao invés de uma mera ferramenta de acesso.

Pesquisas em nível universitário também são cruciais para o avanço da língua de literatura sinalizada. Ella Mae Lentz observou isso quando disse:

Quanto mais compreendermos a ASL como uma língua, mais potencial teremos para usá-la como poesia. Isso é muito verdadeiro e crucial. Quando mergulhamos profundamente na ASL como uma língua, experimentamos seus construtos e a sua riqueza – e é a partir daí que a poesia vai florescer.

Os “aliados” ouvintes da comunidade surda têm tido um papel importante para construir os fundamentos teóricos da literatura de língua de sinais. Desde o trabalho pioneiro de Klima e Bellugi (1979), a língua de sinais criativa como uma extensão da língua formal tem sido reconhecida como um tópico legítimo de pesquisa (ver também, como exemplos, ORMSBY, 1995; CUXAC e SALLANDRE, 2008; ROSE, 1992, 2006; BAUMAN, 1998; QUADROS e SUTTON-SPENCE, 2006). Em função da desvantagem histórica de pessoas surdas na academia, os aliados ouvintes foram capazes de construir as bases sobre as quais as novas gerações de acadêmicos surdos têm a

possibilidade de criar futuras pesquisas. Muitos dos artistas de ASL e de Libras (cujos testemunhos estão documentados aqui) possuíam diploma de mestrado ou doutorado de alguma forma relacionados à literatura de língua de sinais, como por exemplo Clayton Valli, Peter Cook, Nelson Pimenta, Bruno Ramos e Fernanda Machado. Para muitos deles, durante seus estudos e durante a escrita de suas dissertações e teses em sua segunda língua (ou no caso do departamento de Pós-graduação em Estudos da Tradução, PGET / UFSC, que permite a língua de sinais como primeira língua), as políticas de promoção de intérpretes de língua de sinais tornam a qualificação uma realidade. Quando um artista surdo tem educação superior e há departamentos de estudos surdos onde alunos trabalham como professores e têm incentivos para pesquisar é possível fortalecer o campo com pesquisas a partir da perspectiva surda, o que ajuda na validação e no desenvolvimento da área.

No Reino Unido, ao contrário, embora Paul Scott tenha diploma de mestrado, nenhum dos artistas entrevistados possui uma posição acadêmica na universidade, situação que certamente dificulta o aprofundamento das pesquisas em Língua Britânica de Sinais. As políticas de cortes de gastos levaram ao fechamento do departamento de Estudos Surdos na Universidade de Bristol, centro de pesquisa em BSL, em 2011. O único curso universitário sobre língua de sinais criativa, o Bacharelado em Artes Dramáticas, Educação e Estudos Surdos na Universidade de Reading, deixou de contratar em 2015 já mirando o seu fechamento em 2018. A Universidade citou o baixo número de contratações, o pouco feedback dos alunos e problemas curriculares, coisas que poderiam ter sido remediadas através de uma política adequada. Tal retirada de apoio institucional impactou negativamente o ensino e a pesquisa de literatura na Língua de Sinais Britânica. O ensino do teatro surdo no Reino Unido não existe mais em nível universitário.

Teatro Surdo

Ao descrever os gêneros de língua de sinais, Cynthia Peters (2000) deixa claro que a poesia, a contação de histórias e o teatro não podem ser facilmente separados, já que os três compartilham elementos entre si. O ensino do teatro tem sido essencial para muitos poetas e contadores de histórias surdos. Muitos deles aprenderam algumas técnicas de teatro na escola, geralmente com professores ouvintes, mas ter aprendido com atores surdos os ensinou a usar a língua de sinais teatral.

Dorothy Miles, amplamente reconhecida como a primeira poeta de língua de sinais, foi aluna de teatro e de literatura inglesa. Peter Cook começou a atuar quando chegou no NTID. Bernard Bragg, que tem grande influência na literatura americana surda – e que também influenciou a literatura brasileira surda – estudou teatro. Ele fez parte de um grupo de atores da sua escola que foi criado pelo professor de inglês surdo Robert Panara, e seu pai, surdo, era ator. Bragg estudou com o ator ouvinte de mímica Marcel Marceau em Paris. Sua forma de atuar, somada à influência de Bragg – ou ao menos a do Vernáculo Visual que ele desenvolveu durante seus estudos em Paris – também influenciaram profundamente os futuros poetas e contadores de histórias nos Estados Unidos, no Brasil e no Reino Unido.

No Brasil, Nelson Pimenta, amplamente reconhecido como o primeiro poeta de Libras, lembrou que espiava persistentemente um grupo de teatro surdo que ensaiava em sua escola no Rio (INES). O grupo cansou de enxotá-lo e resolveu convidá-lo para entrar e assistir, e assim aconteceu seu fascínio

pelo teatro. Tal grupo de teatro incluía Carlos Goés, um dos atores pioneiros surdos, que visitou os Estados Unidos e deu aulas no Teatro Nacional dos Surdos junto com Bernard Bragg. A performance poética e a contação de histórias de Nelson Pimenta estão firmemente enraizadas na educação que teve ligada ao teatro. Nelson reportou que seus estudos nos Estados Unidos o ensinaram que o teatro surdo era mais do que apenas expressões e mímica, e que deveria incluir a língua de sinais usada como uma forma de arte. Fernanda Machado, inspirada e ensinada por Nelson Pimenta, também é uma atriz. Bruno Ramos afirmou ter aprendido técnicas básicas de teatro com um professor surdo, mas aprendeu sobretudo com Carlos Goés, Silas Queiroz e Nelson Pimenta, especialmente quando fez parte do Teatro Brasileiro Surdo. Esta linha de conexões mostra a importância do teatro surdo, da colaboração na literatura de língua de sinais e do ensino cara-a-cara para surdos no campo da literatura.

As políticas públicas e a legislação impactam também o teatro surdo e conseqüentemente a literatura surda, mas não necessariamente da maneira mais positiva. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) n. 13.146 de 2015, por exemplo, protege o direito dos cidadãos surdos de acessar o teatro surdo através de intérpretes, mas não defende seu acesso ao teatro. O Decreto dos Americanos com Deficiência nos Estados Unidos prevê os mesmos direitos, assim como o Decreto Britânico da Igualdade (2015). A seção 1.6 com os comentários da Associação Britânica de Surdos sobre o Decreto da Igualdade mostra que, apesar de prover o acesso à língua de sinais para o entretenimento da língua falada,

O Decreto Britânico da Igualdade de 2010 não [...] foca no valor e a na integridade da Língua de Sinais Britânica e da cultura surda. O decreto atribui direitos aos indivíduos para protegê-los da discriminação, mas não protege nem promove a BSL enquanto língua (2015, p. 9).

Enquanto o teatro surdo tem suas raízes nas tradições de clubes surdos (geralmente com base em conhecimentos de pessoas surdas de famílias surdas que mantêm o Conhecimento do Mundo Surdo) a influência da tradição surda e seu papel de desenvolver habilidades corporais artísticas são cruciais para a literatura de língua de sinais. Não há dúvidas de que as pessoas que frequentam o teatro têm muito a aprender ao acessar o teatro convencional através de intérpretes, mas as raízes da literatura de língua de sinais não estão lá. Patrick Graybill mostrou isso quando observou no Teatro Nacional dos Surdos (NTD):

O NTD era mais uma escola para os surdos, porque a maior parte dos atores eram surdos e filhos de pais surdos. E eles passaram adiante a forte bagagem cultural que traziam consigo.

Clubes e Associações de Surdos

Os clubes e associações de surdos são reconhecidos como locais onde a cultura surda tem sido tradicionalmente protegida, sustentada e promovida (LADD, 2003; RUTHERFORD, 1993; STROBEL, 2008), embora muitos destes tenham fechado suas portas neste século. A presença de líderes e membros da comunidade surda já estabelecidos (alguns de família surda) nas associações de

surdos reforça sua importância ao promover e fortalecer poetas novos e já estabelecidos. Os clubes e associações influenciaram muitos artistas de língua de sinais ao fornecerem o espaço e o público. No Brasil Silas Queiroz, Carlos Goes e Fernanda Machado observaram a importância destes espaços para o estímulo dos movimentos políticos, do prazer social e da motivação para participar do teatro.

No Reino Unido, a experiência de Richard Carter sobre a importância dos clubes e o modo como eles o colocaram em contato com líderes da comunidade surda no seu desenvolvimento enquanto poeta mostra a importância das inter-relações entre educação, clubes de surdos e a literatura de língua de sinais. Apesar de fazer seus amigos rirem com os seus sinais enquanto estava na escola, nenhum adulto na época reconhecia as suas habilidades. Foi no clube de surdos que Richard compreendeu que ele era um poeta, quando seu trabalho foi validado por membros mais antigos da comunidade surda.

Peter Cook, nos Estados Unidos, aprendeu grande parte da sua arte durante o tempo que passou no NTID, mas foi a associação de surdos permitiu um encontro crucial:

Na Associação Nacional dos Surdos conheci Bernard Bragg. Nós demos um workshop sobre o Vernáculo Visual. Você conhece a sua história sobre o caçador e o cachorro? Eu fiquei encantado! [...] Era tão clara – foi como assistir um filme. O Vernáculo Visual é o fundamento de tudo o que eu faço.

É importante que seja dito, no entanto, que nem todos os artistas participam de encontros em clubes de surdos (Nelson Pimenta no Brasil e Paul Scott no Reino Unido, por exemplo, afirmaram que não frequentavam associações de surdos regularmente) e nem todas as associações de surdos têm a mesma importância para a literatura de língua de sinais.

Mantendo a chama acesa

Esta revisão das experiências e dos testemunhos de artistas de língua de sinais nos três países mostrou a importância do contato entre pessoas surdas em contextos que têm permitido o desenvolvimento da literatura de língua de sinais e as políticas que a apoiam. Nenhum destes artistas surgiu de repente como artistas completamente formados. Suas experiências na escola e na universidade, sua exposição ao teatro surdo e a outras literaturas e, em todos os casos, seus encontros com outros artistas de literatura surda, fez com que se tornassem o que são hoje.

Todos eles são poderosamente conscientes do legado que receberam e de sua responsabilidade em passá-lo adiante às futuras gerações surdas. Até certo ponto, a gravação de vídeos tem permitido o estoque, a organização e a disponibilização de arquivos de poesia em língua de sinais, como o exemplo de fitas VHS ou DVDs (KRENTZ 2006) ou coleções e antologias online (SUTTON-SPENCE e MACHADO, no prelo). O financiamento para as coleções e o arquivamento de materiais protege e promove a literatura. No entanto, todos os poetas são professores e educadores interessados em ensinar outras pessoas surdas sobre o que eles aprenderam.

Peter Cook, em uma entrevista em *Hydrogen Jukebox*, quebrou a quarta parede e se dirigiu ao público atrás da câmera, quando falou “não é a nossa hora agora. É a sua vez! Vamos, vá lá!”

Em um vídeo posterior, Robert Panara disse: “Mantenha a chama acesa!”

As pessoas surdas têm mantido a chama acesa por gerações. Com as políticas educacionais e linguísticas certas, o fogo se espalhará.

Referências

- ARENSEN, Rebecca; KRETSCHMER, Robert. **Teaching poetry: a descriptive case study of a poetry unit in a classroom of urban deaf adolescents**. *American Annals of the Deaf*, 155/2, 2010, p.110-117.
- ASHTON, Glenna; CAGLE, Keith; BROWN Kim Kurz NEWELL, William, PETERSON, Rico; ZINZA, Jason. **Standards for learning American Sign Language: A project of the American Sign Language Teachers Association**, 2012. Disponível em: https://asлта.org/wp-content/uploads/2014/07/National_ASЛ_Standards.pdf. Acesso em: setembro, 2017.
- BAHAN, Ben. Face-to-face tradition in the American Deaf community. In: Bauman, H-Dirksen; Nelson, Jennifer; Rose, Heidi (Eds.). **Signing the Body Poetic**. Califórnia: University of California Press, 2006a. p. 21-50.
- BAHAN, Ben. **Making sense of ASL literature**. Comunicação Oral na conferência *Revolutions in Sign Language Studies: Linguistics, Literature, Literacy*. Washington, D.C.: Gallaudet University, de 22 a 24 de março, 2006b.
- BAUMAN, H-Dirksen. **American Sign Language as a medium for poetry: Poetics of Speech, and Writing in Twentieth-Century American Poetics**. New York: Tese de doutorado, State University of New York, 1998.
- BAUMAN, H-Dirksen. Getting out of line: toward a visual and cinematic poetics of ASL. In: Bauman, H-Dirksen; Nelson, Jennifer; Rose, Heidi (Eds.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006, p.95-117.
- BURGESS, Robert. **In the field: An introduction to field research**. London: Allen and Unwin, 1984.
- CARTER, Richard; SCOTT, Paul.; SUTTON-SPENCE, Rachel. Teaching language and identity through signed stories. **NATECLA Language Issues: the ESOL Journal**, 24(1), 41-50, 2013.
- CUXAC, Christian; SALLANDRE, Marie-Anne. Iconicity and arbitrariness in French Sign Language: Highly iconic structures, degenerated iconicity and grammatic iconicity. In: Pizzuto, Elena, Pietrandrea, Paola; Simone, Raffaele (Eds.). **Verbal and signed languages: Comparing structure, constructs and methodologies**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- HALE, Sandra; Napier, Jemina. **Research methods in interpreting: A practical resource**. London: A&C Black, 2013.
- GONZÁLEZ, Maribel. **Being and becoming a Deaf educator: the construction of Deaf educators' roles and pedagogies in Chilean Deaf schools**. Bristol, UK: Tese de doutorado, Universidade de Bristol, 2017.
- KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Universidade Federal de Santa Catarina, Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, 2008.
- KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana; HESSEL SILVEIRA, Rosa Maria. Trabalhando com livros de imagem: Possibilidades e desafios. In: **Guia 3 PNBE na escola. Literatura fora da caixa. Educação de Jovens e Adultos**, 2014. P. 51-70. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/publicacoes?id=20407>

- KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language**. Cambridge, M.A.: Harvard University Press, 1979.
- KRENTZ, Christopher. The camera as printing press; How film has influenced ASL literature. In: Bauman, H-Dirksen; Nelson, Jennifer; Rose, Heidi (Eds.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006, p.51-70.
- LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- LADD, Paddy; GONÇALVES, Janie. Culturas Surdas e o desenvolvimento de Pedagogias Surdas. In: KAMOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Editora ULBRA, 2011. P. 295-330
- LANG, Harry. **Teaching from the Heart and Soul: The Robert F. Panara Story**. Washington DC: Gallaudet University Press, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Secretaria Executiva, Secretaria da Educação Básica. **PNBE na escola Literatura fora da caixa - Guia 1 Educação Infantil**, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/publicacoes?id=20407>
- NATHAN LERNER, Miriam; FEIGEL, Don. *The Heart of the Hydrogen Jukebox*. New York: Rochester Institute of Technology, 2009. DVD.
- ORMSBY, Alec. **Poetic cohesion in American Sign Language: Valli's 'Snowflake' and Coleridge's 'Frost at Midnight'**. Sign Language Studies, 88, 1995. p. 227-244.
- PETERS, Cynthia. **Deaf American Literature: From Carnival to the Canon**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2000.
- QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. Recognizing Brazilian Sign Language: Sign language legislation and its outcomes. In: MEULDER, Maartje de; MURRAY, Joseph; MCKEE, Rachel (Eds.). **The Legal Recognition of Sign Languages: Advocacy and Outcomes Around the World** Clevedon: Multilingual Matters. 2019.
- QUADROS, Ronice Muller de. Language policies and sign languages. In: James W. Tollefson; Miguel Pérez-Milans. (Orgs.). **The Oxford Handbook of Language Policy and Planning**. 1ed.Oxford: Oxford University Press, 2018, v. 1, p. 1-22.
- QUADROS, Ronice Muller de; SUTTON-SPENCE, Rachel. 'Poesia em Língua de Sinais: Traços da identidade surda' In: QUADROS, Ronice Muller de (org.) **Estudos Surdos 1**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Azul, 2006, p. 110-165.
- REILLY, Charles; REILLY, Nipapon. **The Rising of Lotus Flowers: Self-education by Deaf Children in Thai Boarding Schools**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2005.
- ROSA, Fabiano Souto. **O que o currículo de Letras Libras ensina sobre literatura surda: produção de sentidos na formação de professores de Libras**. Pelotas: Tese de doutorado, Universidade Federal de Pelotas, 2017.
- ROSE, Heidi. **A Critical Methodology for Analyzing American Sign Language Literature**. Phoenix: Tese de doutorado, Arizona State University, 1992.
- ROSE, Heidi. The poet in the poem in the performance: the relation of body, self, and text in ASL literature. In: Bauman, H-Dirksen; Nelson, Jennifer; Rose, Heidi (Eds.). **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006, p. 130-146.

- RUTHERFORD, Susan. **A Study of Deaf American folklore**. Silver Spring, M.D.: Linstok Press, 1993.
- STROBEL, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Florianópolis: Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- SUTTON-SPENCE, Rachel; RAMSEY, C. What we should teach Deaf Children: Deaf Teachers' Folk Models in Britain, the U.S. and Mexico. **Deafness and Education International**. 12/3, 2010, p. 149-76.
- SUTTON-SPENCE, Rachel. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue?" (Why do we need signed poetry in bilingual education?) In: **Educar em Revista o dossiê temático Educação Bilíngue para Surdos: políticas e práticas**. Educ. rev. no.spe-2 Curitiba. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37009> p 111-127
- SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda de Araújo. Considerations for creating anthologies of Sign Language Poetry. **Sign Language Studies** 19/2, 2019, p267-294.
- SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda de Araújo. Poetry in Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. Lancaster: Ishara Press.(no prelo)
- SUTTON-SPENCE, Rachel; MACHADO, Fernanda de Araújo; CAMPOS, Klícia de Araujo; FELÍCIO, Márcia; VIEIRA, Saulo; CARVALHO, Daltro; BOLDO, Jaqueline. Artistas surdos contam suas histórias: quais foram suas influências? **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**, Edição nº 003/2017. Florianópolis, UFSC, 2017. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/publicacoes/edicao-no-0032017/>
- SUTTON-SPENCE, Rachel; FELÍCIO, Márcia; MACHADO, Fernanda de Araujo; LEITE, Tarcisio de Arantes; ANDRADE, Betty Lopes L'Astorina de; BOLDO, Jaqueline; CARVALHO JUNIOR, Daltro. Os craques da Libras: a importância de um festival de folclore sinalizado. **Revista Sinalizar**, v.1, n.1, p. 78-92. ISSN: 2448-0797, 2016.
- SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Muller de. Sign Language Poetry and Deaf Identity. **Journal of Sign Language and Linguistics**, 8, 2005. P. 177-212.
- TEMPLE, Bogusia; YOUNG, Alys. Qualitative Research and Translation Dilemmas. **Qualitative Research**, 4, 2004. P. 161- 178
- UNIVERSITY OF READING. **News and Events website**. Disponível em: <https://www.reading.ac.uk/news-and-events/releases/PR649026.aspx> Acesso em: 16 de outubro, 2015

Recebido em: 04/12/2019

Aceito em: 22/07/2020